

A CONTRIBUIÇÃO DE MATTOSO CÂMARA JR. PARA A HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA*

Ângela Vaz Leão**

RESUMO

A contribuição de Mattoso Câmara Jr. para a Historiografia Lingüística é apresentada neste trabalho, através da análise de sua *História da lingüística*, tal como foi publicada na tradução brasileira de 1975. O original, em inglês, foi produzido pelo Autor, como parte de uma experiência docente na Universidade de Washington, em 1962.

Toda teoria científica, por mais revolucionária que pareça, não deixa de ser um ponto ou um segmento na linha contínua que é a história de qualquer ciência. Isso, supondo-se que haja ciências de domínios limitados e estanques, o que seria uma concepção simples, para não dizer simplista, do problema.

Na realidade, verifica-se com frequência que uma teoria científica, além de ser um ponto de uma linha contínua, é um ponto de encontro para o qual convergem linhas diversas de uma ou de várias ciências. E, antes de chegar a esse ponto, existiu um percurso, ou melhor, existiram vários percursos.

Essa verdade elementar, que é a base em que se apóia a interdisciplinaridade, costuma ser ignorada por muitos estudiosos, talvez de curta memória ou de recente saber. Aliás, tal verdade apenas particulariza, no domínio da ciência, uma verdade universal, a que o sábio Salomão, alguns milênios antes de nós, deu forma sentenciosa, assim vertida para o latim: *Nihil sub sole novum*. (“Liber Ecclesiastes”, 1:10. Biblia Sacra..., 1953)

Sejam as Tecnologias, sejam as Ciências da Natureza, sejam as Ciências do Homem, nestas incluída a Ciência da Linguagem, todas elas evoluem de forma cumulativa, por acréscimos sucessivos, exigindo do investigador a humildade de se reconhecer como elo de uma corrente que não começou nele nem nele vai terminar.

* Trabalho apresentado no II Encontro Nacional da ANPOLL. João Pessoa, junho de 1996.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Por isso mesmo, tenho defendido, sempre que posso, a introdução da História da Lingüística nos currículos universitários de Letras, pelo menos no nível da pós-graduação. Além de trazer aos estudantes conhecimentos indispensáveis ao seu trabalho, essa disciplina evitaria muitas crenças ingênuas numa pretensa originalidade e cumpriria um papel ético, na formação do pesquisador.

Não é, pois, de admirar que grandes lingüistas tenham feito dessa história um dos objetos de suas investigações. Aquele que aqui nos interessa, Mattoso Câmara Júnior, produziu em inglês, em 1962, um relato orgânico e coerente da história da Lingüística. A lembrança dessa data assume fundamental importância nesta exposição, na medida em que limita as aproximações que se possam fazer entre essa obra de Mattoso Câmara e obras de outros historiógrafos da Lingüística. Por razões óbvias, as minhas comparações só se farão com histórias da Lingüística que o Mestre brasileiro possa ter utilizado, portanto, algumas das que tenham sido publicadas anteriormente a 1962.

Outra restrição que me impus diz respeito à própria contribuição do Mestre brasileiro. Por problemas de tempo e de material disponível, vi-me forçada a renunciar ao estudo dos numerosos trabalhos de historiografia lingüística publicados por Mattoso Câmara, quer em opúsculos, quer em periódicos como a **Revista Brasileira de Filologia**, do Rio de Janeiro; a **Revista Brasileira de Lingüística**, de São Paulo; **Letras**, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba; **Alfa**, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília; **Vozes**, de Petrópolis, etc. Levarei em conta, tão somente, a sua **História da lingüística**, de 1962, que, infelizmente, só conheço na tradução brasileira. (Câmara Jr., 1975)

Como se sabe, a redação original de Mattoso Câmara foi feita como parte integrante de uma experiência docente em inglês, na Universidade de Washington. A tradução que utilizo, apesar de seus defeitos, ainda nos deixa perceber as excepcionais qualidades de professor de Mattoso Câmara: a clareza da exposição, o poder de síntese, a ordenação dos conteúdos, a eficácia didática, que transformavam cada aula sua num espetáculo jamais esquecido pelos que porventura tivessem a sorte de ouvi-lo. No meu caso, só assisti a uma. E ainda hoje a tenho viva na memória.

A tradução brasileira de que agora me ocupo faz-se preceder de uma introdução, assinada por Francisco Gomes de Matos, da qual resumo as seguintes informações:

- 1^a – Mattoso Câmara lecionou o curso de História da Lingüística, originalmente em inglês, na Universidade de Washington, em Seattle, durante o Instituto de Lingüística promovido pela Linguistic Society of America, em 1962;
- 2^a – Três anos e meio depois, isto é, em 1966/67, ministrou outro curso de História da Lingüística, então em português, em Montevideu, por ocasião do I Instituto de Lingüística, promovido pelo Programa Inter-americano de Lingüística e Ensino de Idiomas (PILEI) e pela Associação de

Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL);

3ª – Um ano mais tarde, em 1967/68, novamente ministrou o curso, em português, na cidade do México durante o II Instituto de Lingüística, promovido pelas mesmas entidades.

Informa ainda Gomes de Matos que “o texto original em língua inglesa (...) não mais foi utilizado pelo autor, havendo, entretanto, circulado no México uma série apostilada de lições incompletas em português”. E que era intenção do Autor publicar, a pedido da Editora Vozes, uma História da Lingüística em português, com base no texto original, convencido que estava de que a formação humanística de todos que se dedicassem aos estudos lingüísticos não poderia prescindir desses conhecimentos históricos.

Mas, se tal era a sua intenção, tal não foi a vontade de Deus. Dois anos depois, em 1970, Mattoso Câmara estaria morto, sem ter podido cumprir esse desejo. Para publicar uma obra que praticamente já estava pronta ou, que, pelo menos já estava pensada, os dois anos teriam sido mais que bastantes. Mas a generosidade de Mattoso Câmara, outro atributo do professor autêntico, não lhe permitia deixar de atender às inúmeras solicitações que lhe vinham de toda parte. Cada solicitação gerava logo um compromisso assumido. E assim, compromisso atrás de compromisso, dois anos se passaram. Ficamos sem a redação portuguesa da **História da lingüística** e, pior ainda, ficamos sem Mattoso Câmara.

A tradução que conhecemos se deve a Maria do Amparo Barbosa de Azevedo, então professora de Lingüística e de Língua Inglesa na USP e na PUC/SP. A sua formação para esse duplo magistério (Inglês e Lingüística) deveria dar-lhe condições de trazer ao português, fielmente, o pensamento de Mattoso Câmara. Mas isso não parece ter ocorrido. Nos capítulos referentes à Lingüística Diacrônica, por exemplo, faltou-lhe certo conhecimento do assunto ou do referente, como pretendo mostrar daqui a pouco.

Analisando a tradução, deixo de lado problemas gramaticais, sobretudo de sintaxe, que chegam a comprometer o sentido que o Autor quis passar ao leitor. Deixo também de lado um certo preciosismo vocabular e várias impropriedades semânticas da tradução. Deixo ainda de lado algumas passagens truncadas ou inteiramente incompreensíveis. Mas não posso deixar de mencionar alguns erros de tradução devidos à falta de domínio do assunto, no caso a Lingüística Histórica ou Diacrônica.

Assim, às páginas 41, 43, 48, 136 *et passim*, há uma confusão de termos e, conseqüentemente, de conceitos. Trata-se, na realidade, de um anacronismo lingüístico: onde só caberia a palavra *germânico* (designando a proto-língua do ramo germânico), aparece sempre *alemão*, língua ainda inexistente nessa remota pré- ou proto-história lingüística.

Na página 143, *Lautverschiebung* é traduzido por *metafonia*, numa confusão com *Umlaut*. Essa não é, aliás, a única confusão terminológica.

Na página 138, a dicotomia saussuriana *sincronia e diacronia* torna-se “di-

cotomia sincrônica-diacrônica”, o que, absolutamente, não é uma dicotomia.

Na página 39, quando se recordam os primórdios da gramática histórico-comparativa do indo-europeu, lê-se a seguinte tradução:

*Schlegel chamou flexão tanto às partes secundárias que se juntam à raiz para constituir a palavra gramatical como às **alternâncias raiz-vogal**, um processo gramatical regular nas línguas semíticas e encontrado também no latim e no grego. (Câmara Jr., 1975, p. 39) (grifei)*

Ora, falar de alternâncias *raiz-vogal* não tem nenhum sentido. Uma vogal, pela lógica, alterna com outra vogal, nunca com uma raiz. Mas não é difícil adivinhar o que se passou. Como se sabe, no sintagma nominal inglês, o adjetivo obrigatoriamente precede o nome; e se um substantivo precede outro substantivo, passa o primeiro a funcionar como adjetivo: *the root vowel*, expressão que deve estar no original, significa “a vogal da raiz”. Mattoso Câmara só pode ter falado de *alternância entre vogais da raiz*, o *Ablaut* dos alemães, um segundo processo de flexão, às vezes denominado “flexão interna”. No indo-europeu, essa alternância se dava originariamente entre as vogais *e* e *o*, da raiz, podendo encontrar-se entre duas línguas aparentadas ou dentro de uma mesma língua.

Se considerarmos, por exemplo, o latim *pes*, *pedis* e o correspondente grego *pous*, *podós*, encontramos aí um resultado da alternância vocálica dentro da raiz indo-européia, que foi reconstituída hipoteticamente pelos lingüistas como *ped-/pod-*. Essa alternância tem reflexos não só na oposição verificada nas formas latina e grega, mas também em línguas modernas. Nas palavras que designam o pé nas línguas românicas temos a vogal *e*, evidentemente com as mudanças peculiares à história de cada língua: português *pé*, espanhol *pie*, francês *piéd*, italiano *piede*. Mas, no grupo germânico, temos a vogal *o*, também com as mudanças típicas da evolução de cada língua: inglês *foot*, alemão *Fuss*.

A alternância vocálica pode refletir-se ainda dentro de uma mesma língua moderna. Considere-se, no português, a palavra *antípoda*, de origem grega, ao lado da palavra *bípede*, de origem latina. Veja-se também, no inglês, a oposição entre o singular *foot* e o plural *feet*, cujas vogais atuais *u* e *i* resultam da evolução de *o* e *e*, respectivamente. A alternância primitiva estendeu-se a outras vogais, podendo ser observada, hoje, no inglês e no alemão, na conjugação dos “verbos fortes”: inglês, *gct/got*, inglês *speak/spoke/spoken*, alemão *sprechen/sprach/gesprochen*. Outro exemplo da mesma primitiva alternância na vogal da raiz pode ser visto no confronto entre o substantivo grego *logos* (“palavra”) e o verbo latino *lego* (“leio”). E os exemplos poderiam multiplicar-se. Cremos, entretanto, que bastam esses poucos, para mostrar que uma vogal pode alternar com outra na raiz do vocábulo, realizando a sua flexão (uma “Flexão interna”). Assim, não tem sentido a tradução *alternâncias raiz-vogal*, que peca tanto contra a Lingüística Histórica Indo-européia quanto contra a Lógica, além de não corresponder ao que está no original de Mattoso Câmara. O resultado é

que o leitor que não tiver conhecimento da matéria ou abandonará o texto por não entendê-lo, ou o aprenderá com o absurdo que contém. Somente um leitor-especialista poderá adivinhar o que está no original, repetimos, graças à associação de dois conhecimentos prévios: o assunto em causa e a estrutura do inglês. Será que todos os nossos estudantes, a quem deve dirigir-se a tradução da obra, teriam esses conhecimentos? Não sejamos muito otimistas.

Daí se infere que é urgente encontrar o original inglês da **História da lingüística** e proceder à revisão de sua tradução, a fim de que o livro passe a circular nos nossos cursos de pós-graduação, sem riscos para os seus usuários. E a obra bem o merece, porque, sem sombra de dúvidas, é dos melhores manuais que se escreveram sobre a matéria.

Mas esse foi um parêntese em que analisei rapidamente a tradução brasileira da **História da lingüística**, de Mattoso Câmara.

Passo agora a me ocupar da estrutura da obra e das qualidades do texto, pelo menos daquelas qualidades que ainda se podem adivinhar por trás da tradução.

História da lingüística compõe-se de 32 capítulos, distribuídos de forma significativamente assimétrica, em relação à matéria tratada. A obra se inicia por um capítulo introdutório que apresenta a concepção do Autor relativamente às abordagens possíveis no estudo da linguagem. A eles se seguem dois capítulos dedicados à Idade Média e aos Tempos Modernos até o século XVIII. Vêm depois doze capítulos dedicados ao século XIX, enquanto dezessete estudam o século XX, até a década de 50. Mattoso Câmara concebe, pois, três grandes eras nos estudos da linguagem: uma era pré-científica e para-científica, dos promórdios até o século XVIII, que já é de transição; uma era científica de orientação diacrônica, o século XIX; e uma era científica de orientação sincrônica, o século XX. Em termos de páginas, são menos de 20 até o século XVIII, cerca de 70 para o século XIX e cerca de 100 para o século XX. Em percentuais aproximados, temos respectivamente 10%, 37% e 53%. A atenção que o Autor dedica a cada uma dessas eras parece ser proporcional à importância que lhes atribui, na marcha que vai da interpretação mítica da linguagem até à constituição de uma verdadeira ciência lingüística.

Se tomarmos **A short history of linguistics**, de Robins (1967), publicado pela primeira vez na década de 60, encontramos as mesmas três grandes eras. Mas veremos que, sobre um total de oito capítulos, seis tratam das especulações lingüísticas pré-científicas, um se ocupa principalmente da filosofia da linguagem e serve de transição, enquanto os dois últimos tratam dos estudos lingüísticos propriamente científicos. Em relação ao espaço gráfico, num total de 240 páginas, cerca de dois terços (163 páginas) são dedicados a tudo quanto antecede a lingüística como ciência até o século XVIII, ao passo que a lingüística científica (séculos XIX e XX) ocupa apenas perto de um terço do volume (76 páginas).

Já o tratado de Arens, da década de 50, faz distribuição diferente. A fonte que consultei, neste caso, não foi o original alemão, mas a tradução espanhola, **La**

lingüística: sus textos y su evolución desde la Antigüedad hasta nuestros días, feita em dois volumes (Arens, 1975), a partir da segunda edição alemã, de 1969. Não considerando as páginas iniciais, em número de 15, a tradução espanhola apresenta a seguinte distribuição: 96 páginas tratam da concepção mítica da linguagem tal como se encontra na Bíblia, passam pela Antigüedad e pela Idade Média e entram pela Idade Moderna até o século XVIII; 320 páginas estudam o século XIX; 440 páginas tratam do século XX até o Gerativismo e a Semântica transvocabular; finalmente, 125 páginas contêm a relação das fontes primárias, a bibliografia e os índices. Em termos proporcionais aproximados, temos: 18% para o período pré-científico; 30% para o século XIX; 41% para o século XX; e 11% para bibliografias e índices.

Das três obras, a de Arens é a que abrange maior espaço de tempo, indo da Bíblia até quase aos dias atuais. A distribuição da análise por eras aproxima-se um pouco da de Mattoso Câmara, mas ambas se distanciam da de Robins. Enquanto este privilegia quantitativamente a era pré-científica, os dois outros dedicam maior espaço à era científica, sendo que o brasileiro dá maior prevalência ao século XX. A posição singular de Robins, entretanto, se explica de imediato, para quem conhece o resto de sua obra, dedicada em grande parte às especulações lingüísticas dos gregos, dos romanos e da Idade Média. Trata-se de um terreno de que se tornou notável especialista.

A história de Arens é a única que apresenta seleções de textos originais, alternando o discurso do comentador com o discurso da fonte comentada. Tipograficamente falando, os textos das fontes se apresentam em corpo maior, enquanto os comentários se lêem em corpo menor.

Em algumas ocasiões, foi dessas fontes apresentadas por Arens que se serviu Mattoso Câmara, o que é sempre indicado entre parênteses à guisa de remissão, não nas notas de rodapé, que ele não faz, mas no próprio corpo do seu texto. Assim, no capítulo em que Mattoso Câmara fala da descoberta do sânscrito pelo Ocidente, ao referir-se a Sir William Jones, remete às transcrições de Arens: “(texto em Arens, 1955, p. 127-128)”; também quando se refere a Friedrich von Schlegel faz a mesma remissão: “(textos em Arens, 1955, p. 139-148)”; ainda quando se refere a Curtius, não deixa de remeter o leitor à fonte utilizada: “(textos em Arens, 1955, p. 242-251)”. Como se vê, todas as remissões se fazem à 1ª edição do original alemão, de 1955. Já nesta comunicação, repito, refiro-me a Arens, servindo-me da tradução espanhola da 2ª edição.

Mas o fato de Mattoso Câmara ter recorrido a Arens para alguns textos de mais difícil acesso não significa que a obra do nosso lingüista seja inferior à do seu colega alemão. São diferentes, isso sim.

Analítica e extensiva, a obra de Arens é mais de um filósofo que de um lingüista. Ao transcrever trechos de autores do século XIX, escolhe passagens referentes à origem da linguagem, à natureza da atividade lingüística, a problemas do *signum*, deixando de lado outras passagens que, para nós, são mais pertinentes, por

tratarem de fenômenos propriamente lingüísticos, isto é, da estrutura das línguas.

Já o trabalho de Mattoso Câmara opera um milagre de síntese e é mais lingüístico que filosófico. Procura esclarecer a concepção de cada corrente e de cada lingüista com exemplos que mostram, de um ponto de vista intrínseco, aspectos das próprias línguas. Dessa forma, a **História da lingüística** de Mattoso Câmara constitui, para o leitor já iniciado, uma excelente revisão das diferentes análises lingüísticas através dos tempos. E, para o leitor iniciante, pode ser uma excelente iniciação, desde que a leitura se faça com a indispensável orientação, ou melhor, desde que seja uma leitura compartilhada e guiada por especialista. Não conheço nenhuma outra história da Lingüística tão rica na exemplificação quanto a do nosso Mestre brasileiro. Mas repito que seria mais adequada ao nível da pós-graduação, pelo que exige de conhecimentos específicos prévios.

Para dar uma idéia da originalidade de Mattoso Câmara em relação a Arens, tomemos o seu capítulo introdutório. Na concepção de Arens, a linguagem foi, no decorrer de um longo tempo, sucessivamente, objeto de uma interpretação mítica, de uma consideração dialética, de um estudo lógico, de um estudo escolástico, em resumo, de uma consideração filosófica; depois, foi objeto de um estudo histórico e finalmente de um estudo estrutural.

Também Mattoso Câmara distingue, numa retrospectiva do estudo da linguagem, pontos de vista diversos, devidos a fatores também diversos, de cunho social e cultural. Mas a sua concepção difere da de Arens, a começar pelo fato de não levar em conta a visão mítica da linguagem, presente na Bíblia, ou, mais precisamente, no Gênesis.

Segundo Mattoso Câmara, o primeiro daqueles fatores é a diferenciação de classes, que se reflete sempre na linguagem, tanto quanto nas outras formas de comportamento social. As classes superiores opõem-se às inferiores por traços da fala que elas consideram os únicos corretos e que julgam necessário conservar. O estudo da linguagem, desse ponto de vista, é o estudo do “certo” e do “errado”, que se inscreve na *gramática normativa*.

Um segundo fator que pode determinar o estudo da linguagem é o contato (hostil ou amistoso) de uma sociedade com outra, que fale língua diferente. A necessidade de intercâmbio lingüístico leva a um novo tipo de estudo da linguagem: *o estudo de uma língua estrangeira*.

Além desses dois fatores determinantes, ambos constituídos por oposições contemporâneas e de sempre, pode-se considerar outro tipo de diferença, quando se enfrenta a leitura de um texto antigo, principalmente de natureza literária. Não é possível captar a sua mensagem artística, sem a compreensão da linguagem e da cultura daquela época. Esse estudo chama-se, desde os gregos, *Filologia*. Mattoso Câmara mantém o termo e reconhece o *estudo filológico* como um terceiro tipo de abordagem possível.

As relações entre o pensamento filosófico e sua expressão lingüística levam

a um estudo híbrido, isto é, ao mesmo tempo filosófico e lingüístico, a que os gregos deram o nome de *Lógica*. As leis que disciplinam o juízo são as leis que disciplinam a proposição ou oração. Desse ponto de vista, temos o *estudo lógico da linguagem* que, combinado com o *estudo do certo e do errado*, de certo modo o enobrece, fornecendo argumento às classes superiores para justificarem a preservação de sua norma lingüística.

Outro enfoque possível parte do pressuposto de que uma língua é um fenômeno cultural, social, mas naturalmente baseado numa predisposição biológica para a linguagem. Que características biológicas permitem ao homem o uso da linguagem? Essas características são somente humanas? Qual é a sua especificidade em relação à comunicação animal? A resposta a essas perguntas será buscada através do *estudo biológico da linguagem*.

Outro ponto de vista leva em conta que a sociedade humana é um fenômeno histórico, do mesmo modo que fenômeno histórico é a sua língua, herança cultural do grupo. Estudar as mudanças da língua, no dinamismo da sua evolução é o escopo do *estudo histórico da linguagem*, que não se confunde com o seu estudo filológico. A Filologia encara o contraste entre as formas do passado encontradas num texto literário antigo e as formas lingüísticas do presente, como algo de estático, de cristalizado. Já a *história da língua* procura captar o dinamismo da mudança numa linha evolutiva contínua, que inclui também as mudanças em curso e não se restringe aos textos literários.

Finalmente, sem deixar de ser um fenômeno histórico, toda língua desempenha uma função social atual: é o instrumento da comunicação entre os membros de uma mesma comunidade lingüística. Compreender essa função de comunicação e os meios que a tornam possível é o escopo do *estudo descritivo da linguagem*. A descrição de uma língua pode fazer-se independentemente da sua história ou em correlação com ela. Esse é um ponto polêmico, que tem motivado posições divergentes de vários lingüistas. De qualquer forma, a *descrição lingüística* tem por objeto o funcionamento dos mecanismos lingüísticos no processo da comunicação.

Após a enumeração e a caracterização desses sete diferentes enfoques da linguagem, Mattoso Câmara considera os dois últimos – o histórico e o descritivo – como científicos, isto é, como constitutivos de uma ciência da linguagem. Diz ele:

Em ambos, tomamos a linguagem como um traço cultural da sociedade e tentamos chegar à sua natureza, ou explicando sua origem e desenvolvimento através do tempo ou o seu papel e meio de funcionamento real na sociedade. (Câmara Jr., 1975, p. 12-13)

Todos os outros enfoques que não o histórico e o descritivo, ele os considera pré-lingüísticos, isto é, anteriores à ciência lingüística, (o certo e o errado, a língua estrangeira, a filologia) ou paralingüísticos (o estudo biológico e o filosófico). Eles são encontrados, quase como exclusivos, até o século XVIII. Só em princípios do sé-

culo XIX, quando surge o estudo histórico da linguagem e depois, no século XX, quando se desenvolve o seu estudo descritivo, é que se pode falar em ciência da linguagem.

Tal ciência, na sua constituição e evolução, deve ser o objeto da História da Lingüística, pensa Mattoso Câmara. Mas, se toda ciência tem um desenvolvimento contínuo, não se podem esquecer as experiências da pré-lingüística e da paralingüística na Antigüidade, na Idade Média e na Idade Moderna até o século XVIII. Elas devem ser levadas em conta, numa espécie de introdução à História da Lingüística propriamente dita. Aliás, não se pense que elas deixaram de existir, com o advento da ciência lingüística. A História da Lingüística não pode ignorar alguns estudos filosóficos e biológicos da linguagem, nem alguns estudos filológicos de documentos lingüísticos particulares, nem certos textos normativos que continuam a fazer-se ainda hoje.

Essa posição de Mattoso Câmara revela um espírito aberto, que, por si só, é uma lição para os aprendizes da Lingüística. E que melhor contribuição se pode desejar de um Mestre do que a formação de atitudes e hábitos corretos no aprendiz, para o trabalho de qualquer ciência? De que vale a Ciência sem a Ética?

Como resposta, poderíamos tomar emprestada a fórmula admirável que Rabelais inclui na carta de Gargantua a Pantagruel: *Science sans conscience n'est que ruine de l'âme*. "Ciência sem consciência não passa de ruína da alma". (Lagarde et Michard, 1970)

A obra de Mattoso Câmara é um exemplo não só de postura científica, mas também de compromisso ético. Exemplo de ciência e de consciência.

RÉSUMÉ

La contribution de Mattoso Câmara Jr. à l'historiographie linguistique est présentée dans ce travail à travers l'analyse de son **Historie de la linguistique**, telle qu'elle a été publiée dans sa traduction brésilienne de 1975. L'original, en anglais, a été produit par l'Auteur comme une partie de son expérience d'enseignant à l'Université de Washington en 1962.

Referências bibliográficas

- ARENS, Hans. *La lingüística – sus textos y su evolución desde la Antigüedad hasta nuestros días*. Madrid: Gredos, 1975, 2v.
- BÍBLIA Sacra Juxta Vulgatam Clementinam. Madrid: Editorial Católica, 1953.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História da lingüística*. Trad. de Maria de Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.
- LAGARDE, A. et MICHARD, L. *XVI^e siècle*. Paris: Bordas, 1970.
- ROBINS, R. H. *A short history of linguistics*. London: Longman, 1967.